

RIBEIRA DAS NAUS HOJE: A PERENE RELAÇÃO DE LISBOA COM O TEJO

DOS ESTALEIROS NAVAIS DO RENASCIMENTO
AO ANTIGO ARSENAL DA MARINHA
SUBSÍDIOS DA ARQUEOLOGIA

RUI CARVALHO DO NASCIMENTO

RESUMO Num momento em que se encontram em curso múltiplos projectos de requalificação da frente ribeirinha na cidade de Lisboa, necessário se torna realçar a primordial importância de uma estratégia de salvaguarda arqueológica para contextos de relação fluvio-marítima.

A empresa Era – Arqueologia, S.A., ao longo dos últimos anos, tem integrado diversos projectos de preservação e estudo destas realidades patrimoniais de ímpar e inequívoca importância para a história da capital portuguesa e do país.

Consubstanciando-se nos resultados obtidos nas investigações levadas a cabo na Avenida da Ribeira das Naus, desde 2009, pretende-se realizar um enquadramento global das estruturas portuárias aqui identificadas neste lugar fulcral, que se constituía como um complexo estaleiro naval, em directa articulação com outros espaços portuários como os Armazéns da Guiné e a Casa da Índia. Um núcleo agitado por múltiplos mestres, altamente especializados e que compreendia, no século XVI, mais de duzentos carpinteiros navais e uma centena de calafates, a que se juntavam outros artífices como cordoeiros, remolares ou ferreiros. Aqui se incluíam entrepostos de munições, armas, pólvora, bem com outros géneros, que se integravam assim num símbolo da aventura oceânica portuguesa.

Tais estaleiros navais, serão a primacial indústria do Renascimento Português, autêntica prioridade da Coroa, um pólo que promove o desenvolvimento e que se constituiu como um grande vector de atracção de populações.

PALAVRAS-CHAVE Ribeira das Naus, Arsenal da Marinha, Doca Seca, Doca da Caldeirinha, estaleiros navais, contextos arqueológicos fluvio-marítimos

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Imagem perene da vocação marítima e comercial de Lisboa, a Ribeira das Naus constituía-se como um complexo estaleiro naval, em directa articulação com outros espaços portuários como os Armazéns da Guiné e a Casa da Índia. Um núcleo agitado por múltiplos mestres, altamente especializados e que compreendia, no século XVI, mais de duzentos carpinteiros navais e uma centena de calafates, a que se juntavam outros artífices como cordoeiros, remolares ou ferreiros. Aqui se incluíam entrepostos de munições, armas, pólvora, bem como outros géneros, que se integravam assim num símbolo da aventura oceânica portuguesa.

Tais estaleiros navais, serão a primacial indústria do Renascimento Português, autêntica prioridade da Coroa, um pólo que promove o desenvolvimento e que se constituiu como um grande vector de atracção de populações. Todo este legado imagético, associado à gesta marítima e às actividades náuticas, ficará permanente no



1. *Vue du Palais que le Roi de Portugal a acheter.* Vista da Ribeira das Naus e do Palácio Corte Real. Publicado por Pieter van der Aa em Leiden – 1741.

antigo Arsenal da Marinha, que perfilha esta titulação desde a segunda metade do século XVIII até finais dos anos trinta do século XX.

CONTEXTO INSTITUCIONAL

Num momento em que se encontram em curso múltiplos projectos de requalificação da frente ribeirinha na cidade de Lisboa, necessário se torna realçar a primordial importância de uma estratégia de salvaguarda arqueológica para contextos de relação fluvio-marítima. A empresa Era – Arqueologia, S.A, ao longo dos últimos anos, tem integrado diversos projectos de preservação e estudo destas realidades patrimoniais de inequívoca importância para a história da capital portuguesa e do país.

Nesta perspectiva, são aqui sintetizados os resultados do diagnóstico arqueológico realizado no âmbito da requalificação do Espaço Público da Ribeira das Naus, com a realização de sondagens em áreas referentes ao antigo Arsenal da Marinha, nomeadamente na Doca da Caldeirinha, na Doca Seca e no espaço compreendido entre estas duas docas, visando a antecipação da minimização do impacto sobre o património, que a empreitada prevista poderá ter nesta faixa espacial. Paralelamente, os resultados da intervenção contribuíram para instruir o projecto, em elaboração, servindo de suporte à estratégia a adoptar no desenvolvimento deste empreendimento.

TRABALHOS REALIZADOS

1.1 Doca Seca

Nesta área foram efectuadas três sondagens (1, 5 e 6), de forma a apurar o grau de preservação desta estrutura, nomeadamente os respectivos flancos e o sistema de encerramento do dique.

Assim, a sondagem 1 que possuía as dimensões de 5,50 x 2,60 metros foi aberta a cerca de vinte e cinco metros da zona actualmente exposta da referenciada Doca Seca, permitindo a identificação desta mesma estrutura (UE 103) a apenas cerca de trinta centímetros relativamente ao pavimento actual.

Desta forma, foi possível identificar, em projecção vertical, o flanco Oeste da Doca Seca composto por silhares em calcário de secção rectangular dispostos em fiadas, cuja ligação entre os elementos pétreos foi realizada com argamassa hidráulica que endurece no contacto com a água.

Estas paredes laterais vão aumentando no sentido da extremidade superior da Doca Seca, de forma a facilitar toda a circulação do pessoal especializado bem como o escoramento das embarcações que aqui entravam.

O topo da UE 103, visível num espaço de 2,60 x 2,50 metros encontrava-se, em grande parte, coberto por argamassa extremamente compacta, de tonalidade

rosada, indiciando poder-se tratar de um nível de preparação para o assentamento de uma realidade já inexistente.

Foi ainda possível verificar o alçado Poente, que pelo facto de estar permanente soterrado durante o tempo útil de utilização da Doca Seca, possuía um aparelho construtivo de menor organização, composto por clastos angulosos a rolados de calcário, de médias a grande dimensões, a que se associam fragmentos de telhas e tijolo maciço ligados por argamassa moderadamente espessa.

Na continuação dos trabalhos, procedeu-se à abertura de mais duas sondagens, pretendendo-se investigar os vestígios materiais de confinamento do dique.

A sondagem 6, com a extensão de 5,50 x 2 m, permitiu revelar o limite Sul do espaço de encerramento relativo à comporta, identificando-se o flanco Este da Doca Seca (UE 606) numa projecção vertical de cerca de 2,10 metros, cujo aparelho era constituído por blocos robustos de calcário, apresentando duas cavidades certamente relacionadas com o sistema de fecho.



2. Sondagem 1 – Primeiro patim da Doca Seca (UE 103) quanto ao topo da estrutura. Orientação Oeste – Este.



3. UE 606 – Vista geral. Orientação Oeste – Este.

Em plano, a mencionada realidade apresentava, no sentido Norte – Sul, uma calha ocada nos elementos

pétreos, com uma largura em torno de cinquenta centímetros.

Sobreposta à UE 606 encontrava-se uma estrutura constituída por blocos irregulares de calcário (UE 605) e tijolo maciço (em menor número) cuja ligação era possibilitada por uma argamassa compacta de tonalidade rosada, apresentando marcas de alcatrão bastante dispersas. A sua funcionalidade não foi totalmente esclarecida durante os trabalhos, conjecturando-se a hipótese de se integrar como um sustentáculo a algum tipo de mecanismo, pois trata-se de uma base extremamente sólida.

A sondagem 5 foi implantada a Sul da sondagem 6, numa área de 3,50 x 2,20 metros, e aqui confirmou-se a existência de uma possante estrutura formada por blocos calcários dispostos em fiadas, de secção quadrangular a rectangular, unidos por argamassa de tonalidade rosada, com marcados refestos em plano inclinado e vestígios de cimentação disseminados (UE 505).

Apenas se identificaram cerca de três metros de extensão, no sentido Norte – Sul, no entanto pela presença de negativos e de elementos metálicos poderemos sustentar se constituir como mais um sistema de confinamento relativamente à Doca Seca.

1.2 Doca da Caldeirinha

Neste espaço foram realizadas nove sondagens (3, 4, 7, 8, 10, 11 e 13) com o objectivo de aferir os elementos estruturais de contenção de margem, viabilizando a definição de uma planta geral, bem como a avaliação do estado de conservação destas realidades.

Deste modo, a sondagem 3 (6,20 x 3,40 metros) testemunhou a presença do paredão de contenção com uma orientação Oeste – Este (UE 308) que delimitava, a Norte, esta doca de abrigo e que confinava, a Oeste, com a concernede estrutura de sentido Norte – Sul (UE 309).

Ambos os vestígios patrimoniais eram compostos por silhares de calcário, bastante robustos, ligados por argamassa hidráulica, verificando-se igualmente resquílios de cimento, a que se associa a presença de elementos metálicos, entre os blocos pétreos, de modo a reforçar a sua resistência.

Na mencionada sondagem foi ainda possível identificar a escadaria pétrea de acesso Poente, bem como o respectivo patamar (UE 310), colocando-se a descoberto apenas nove dos degraus que permitiam a aproximação às embarcações em virtude da influência do nível freático.

Todas as estruturas se apresentavam em excelente estado de conservação, apesar de terem sido sumariamente afectadas pela abertura de valas para a instalação de cablagem eléctrica e de telecomunicações.

Deste modo, quanto à UE 309, adossado a esta realidade surgiam os cabos eléctricos que não permitiam a observação do alçado superior da estrutura e, no seu topo, um maciço de betão protegia os revestimentos em PVC.

As referenciadas infra-estruturas destruíram ainda, parcialmente, dois degraus da mencionada escadaria.



4. Vista do patamar e dos primeiros quatro degraus a partir do topo é possível verificar no canto superior esquerdo a afectação provocada pela instalação das infra-estruturas. Orientação Este – Oeste.

Na continuação dos trabalhos, a sondagem 4 revelou a área com maior perturbação e delapidação dos elementos patrimoniais devido à profusão de infra-estruturas aqui existentes.

Assim, num espaço com cerca de 6 x 2 metros no sentido Este - Oeste que, posteriormente, se prolongou numa faixa de 1 x 2,40 metros para Sul, detectou-se somente o provável patamar e os primeiros dois degraus que prosseguem para Oeste (UE 405), marcadamente destruídos, certamente pertencentes à escadaria nascente.

Visto que a referenciada sondagem 4 se situou somente sobre a área correspondente a esta plataforma de acesso fluvial, o paredão de contenção de margem, consubstanciando-se na continuação para oriente da UE 308, não foi exumado por se encontrar a Norte da superfície intervencionada.

Profundamente danificada pela colocação de uma tubagem em ferro fundido, de abastecimento de água ao sistema de protecção contra incêndios, encontrava-se a UE 407, constituída por elementos robustos de calcário ligados por argamassa hidráulica, possivelmente correspondendo ao maciço em que assentaria o patamar da referenciada escadaria (UE 405).

Já o elemento estrutural de contenção de margem que se prolongava para Sul não foi identificado ao longo dos trabalhos nesta área. A existência de uma conduta de abastecimento de água, cujo diâmetro provável é de 800 mm, não nos permitiu o prosseguimento dos trabalhos.

A sondagem 7, cuja intervenção inicial abrangia um espaço de 4 x 2 metros e se alargou, no sentido Norte e Sul, de modo a albergar os limites das realidades identificadas, permitiu a identificação do términus Sudoeste da Doca da Caldeirinha.

Desta forma, revelou-se uma estrutura (UE 703) cortada a Sul, provavelmente, pelos recentes trabalhos de saneamento, realizados desde 2009, por parte da Simtejo, inclusos no Plano Integrado de intervenção no Terreiro do Paço.

Tal realidade era constituída por blocos maciços de calcário que sustentavam um lajeado marcado por vestígios oxidados de elementos metálicos bem como ferretes de pez (acentuadamente visíveis na extremidade ocidental), interrompida, a Norte, pela implantação de infra-estruturas cujo maciço de betão não permitiu verificar a proveniência.



5. UE 703 – Plano. Orientação Oeste – Este – Oeste.

Integrado na UE 703 encontrava-se uma base de sustentação (UE 704), com negativos de encaixe, inegavelmente associada à existência de maquinaria, anteriormente, aqui sobreposta.

A abertura mecânica das sondagens 8 e 10 não revelou vestígios arqueológicos, impossibilitando a identificação do limite Sudeste da Doca da Caldeirinha.

Deste modo, tendo como base o trabalho que anteriormente havia sido realizado neste espaço (Nascimento, 2009) ao abrigo do Plano integrado de Intervenção

no Terreiro do Paço, no âmbito do acompanhamento arqueológico da renovação da tubagem de abastecimento de água, procedeu-se à abertura da sondagem 11 na área onde se tinha identificado uma realidade estrutural, cujo enquadramento nos levou a aventar a hipótese de se constituir como o limite austral da doca de marés (Idem, p. 96 e 102).

Visto que unicamente se tinha identificado somente o alçado do elemento patrimonial em questão, prosseguiu-se com a escavação mecânica de modo a realizar o seu reconhecimento em plano.

Foi assim possível registar uma estrutura constituída por blocos de calcário de robustas dimensões ligados por argamassa hidráulica de tonalidade amarelada (UE 1104), apresentando diversas áreas já cimentadas, cuja extensão entre o paramento Norte e Sul era de 2,20 metros, prolongando-se no sentido Este-Oeste numa amplitude de 4,10 metros.

Devido à influência do nível fluvial, apenas se tornou exequível observar a projecção vertical desta realidade, a Sul, em cerca de 25 a 30 centímetros, permitindo, no entanto, afirmar que apresenta as faces dos elementos pétreos constituintes com algumas manchas esparsas de cimentação.

Na continuação dos trabalhos, com o objectivo de verificar a orientação e conservação da estrutura no sentido ocidental, situou-se a sondagem 12, numa área de 4 x 3 metros a Oeste da sondagem 11.

Neste espaço, a afectação por parte do nível fluvial foi ainda superior, apenas nos possibilitando a identificação de uma estrutura, junto ao corte Sul, formada por calhaus calcários de dimensões irregulares e ligados por cimento (UE 1205) que se afigurava estar parcialmente assente sobre outra realidade (UE 1206) cujo caudal freático prontamente fez imergir, restando o seu plano submerso em cerca de quinze centímetros. Sem a possibilidade de utilização de bombas de água apenas nos foi permitido georeferenciar tal estrutura, em momento ulterior, que será referenciado ao longo deste texto, foi-nos possível caracterizar a mencionada realidade (UE 1206).

Visto que o rumo das realidades identificadas nas sondagens 11 e 12 se acercava do limite austral da anterior sondagem 10, optou-se por realizar nova intervenção mecânica (sondagem 13) com 3,50 x 2,50 metros que representa a continuação para Sul da referenciada sondagem 10.

Aqui foi possível identificar uma estrutura cujo plano se encontrava rebocado em betão (UE 1305) com evidentes paralelos com a UE 1205.

Não se identificando devidamente as estruturas presentes na sondagem 12 e apenas registando o possível prolongamento de uma delas até à sondagem 13,

revelou-se necessário efectuar a escavação mecânica entre ambas as áreas de afectação.

Deste modo, foi possível confirmar que [1205] e [1305] representavam uma única unidade estratigráfica, constituída por elementos irregulares de calcário acimentados, com o topo revestido a betão, cuja funcionalidade decerto nunca esteve associada a uma barreira de contenção fluvial perene e exposta às dinâmicas de maré, devido à sua constituição informe e ausência de robustez.

Esta estrutura encontrava-se colocada sobre uma realidade composta por blocos calcários de grandes dimensões (UE 1206) com inclusões esparsas de tijolo, apresentando vastas áreas cimentadas e o segmento final do referenciado elemento estrutural com um capeamento em betão.

Julgamos extremamente plausível que a UE 1206 represente o prolongamento para ocidente da UE 1104, constituindo-se assim como o limite Sudeste da Doca da Caldeirinha.

A referenciada estrutura apresenta um rampeamento contínuo no sentido Este – Oeste, cuja finalidade não é de forma clara perceptível, no entanto a inclinação presente nesta realidade dificultou a continuação dos trabalhos pois permitiu a sua submersão parcial, apenas nos sendo possível verificar que no espaço anteriormente referente à sondagem 10, a uma cota de 0,38 metros, não se atesta a presença da estrutura.

No momento actual dos nossos conhecimentos, podemos assim afirmar que o paredão de contenção de margem que delimita a Doca da Caldeirinha a Sudeste se apresenta em bom estado de conservação e nas áreas onde não se identificou a sua presença poderá ser explicada por afectações pontuais, bem como pela influência do nível fluvial, que obriga neste espaço a drenagem constante do seu caudal através de sistemas de bombeamento e escoamento, de forma a comprovar devidamente a sua inexistência.

1.3 Área entre docas – Contígua às carreiras de construção naval

Neste espaço procedeu-se à realização de duas sondagens – 2 e 9, com vista à possível identificação e avaliação do estado de preservação das carreiras de construção naval.

A sondagem 2 (7 x 2,50 metros) revelou a existência de uma estrutura de contenção de margem (UE 205), em plano inclinado, composta por cilhares de calcário, cujo topo apresenta um lajeado de secção rectangular e extensa área coberta por argamassa de tonalidade rosada. Esta realidade encontra-se cortada, a Sul, pela introdução de infra-estruturas de condução de águas pluviais.



6. UE 205 – Alçado. Apresenta marcas evidentes de pez e substâncias de coloração. Orientação Este – Oeste.

Finalmente, a sondagem 9, realizada a Sul da sondagem 2, com uma área de 5 x 1,70 metros, permitiu a identificação de um conjunto de estruturas que denunciavam estarmos perante áreas oficinais ou de armazém. Deste modo, no limite oriental, verifica-se a existência de um lajeado (UE 905) composto por elementos de calcário de grande dimensão e secção rectangular que no sentido ocidental é sobreposto por um pavimento cimentado (UE 910), com muitas fracturas. Esta última realidade referenciada desemboca num lancil (UE 907) que julgamos tratar-se de uma delimitação entre áreas interiores e exteriores. Atravessando esta realidade encontra-se uma manilha (UE 906) cuja pendente é manifestada numa orientação ocidental, razão pela qual advogamos que a área interior estivesse situada a Este e a exterior a Oeste.

SÍNTESE DE RESULTADOS

O diagnóstico arqueológico efectuado correspondeu a treze sondagens mecânicas, quatro realizaram-se nas actuais instalações da Administração Central de Marinha (sondagens 1 a 4) e cinco a Sul do eixo rodoviário da Avenida da Ribeira das Naus (sondagens 5 a 13).

Assim, os trabalhos de escavação decorreram em três áreas principais – Doca Seca e Doca da Caldeirinha, elementos de referência – a Ocidente e a Oriente respectivamente – do antigo Arsenal da Marinha, bem como no espaço existente entre as referenciadas estruturas, nomeadamente na contiguidade das anteriores carreiras de construção naval, elementos que se encontravam ainda em utilização aquando da inauguração do Arsenal do Alfeite, na oposta margem do Tejo, em 1939, e conseqüente encerramento da Nau de Pedra, como respetivamente é apelidado o complexo arsenalista, extinto pelo Decreto n.º 29.595 de 13 de Maio

do referenciado ano.

A investigação realizada permitiu-nos verificar o excelente estado de conservação das realidades patrimoniais identificadas, obviamente afectadas por algumas intervenções para instalação de infraestruturas,

que necessariamente remetem para intervenções esporádicas de conservação e restauro no futuro, aquando das fases posteriores de execução do actual projecto de reabilitação desta área fulcral para a história de Lisboa e do País.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F. M. de (1986) – *Carta Geológica do Concelho de Lisboa*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- ARAÚJO, N. de (1944) – *Inventário de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- ARAÚJO, N. de (1993) – *Peregrinações em Lisboa*, Volume XII, 2.ª edição, Lisboa, Vega.
- A. A. V. V. (1994) – *Lisboa Subterrânea*. Catálogo da Exposição, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.
- BLOT, M. L. B. H. P. (2003) – *Os Portos na Origem dos Centros Urbanos: Contributos para a Arqueologia das Cidades Marítimas e Flúvio-Marítimas em Portugal*, Trabalhos de Arqueologia n.º 28, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.
- BUGALHÃO, J. (2005) – *Lisboa sempre Ribeirinha, Al-madan*, 2.ª série, Almada.
- CAGGIANI, J. M. (1843) – *Retratos de homens illustres*, Lisboa Lithographia de Santos.
- CALADO, M. (1993) – *Atlas de Lisboa. A cidade no espaço e no tempo*, Lisboa, Contexto.
- CARITA, H. (1999) – *Lisboa Manuelina e a Formação de Modelos Urbanísticos da Época Moderna (1495-1521)*, Lisboa, Livros Horizonte.
- CARLA, H. coord. (2004) – *Baixa Pombalina. 250 Anos em Imagens*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- CARVALHO, G. (2005) – *A Baixa de Lisboa. Espaço de memória, local de encontro*, Lisboa, Edições INAPA.
- CASTILHO, J. de (1893) – *A Ribeira de Lisboa. Descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- CASTRO, M. de (1810) – *Descrição analytica da estatua equestre erigida em Lisboa à glória do Senhor Rei Fidelissimo D. José I*, Lisboa, Imprensa Régia.
- DIAS, M. T. (1996) – *Lisboa Desaparecida*. Volume V, Coimbra, Quimera.
- FRANÇA, J. A. (1989) – *A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina*, XII vol., Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- HARRIS, E. C (1991) – *Principios de Estratigrafia Arqueológica*. Barcelona, Editorial Critica.
- LOUREIRO, A. (1906) – *Os Portos Marítimos de Portugal e Ilhas Adjacentes*, Volume III, Parte II, Lisboa, Imprensa Nacional.
- MACEDO, L. P. de (1960) – *Lisboa de Lés a Lés, Subsídios para a História das Vias Públicas da Cidade*, Vol. II, 2.ª edição, Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.
- MAGALHÃES, J. R.; GARCIA, J. C. e FLORES, J. M. coord. (1997) – *Cartografia de Lisboa. Séculos XVII a XX, Catálogo de Exposição*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Museu da Cidade.
- MARQUES JUNIOR, H. V. da C. (1909) – *Arsenal da Marinha: Serões de Lisboa*, Lisboa, Livraria Ferreira.
- MECO, J. (1989) – *O azulejo em Portugal*, Lisboa, Publicações Alfa.
- MOURA, F. (1994) – *Lisboa em movimento. 1850-1920*. Lisboa, Livros Horizonte.
- NABAIS, J. A. e RAMOS, P. O. (1985) – *Porto de Lisboa: subsídios para o estudo das obras, equipamentos e embarcações na perspectiva da arqueologia industrial*, Lisboa, Administração do Porto de Lisboa.
- NABAIS, J. A. e RAMOS, P. O. (1987) – *100 Anos do Porto de Lisboa*, Lisboa, Administração do Porto de Lisboa.
- NASCIMENTO, R. (2009) – *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos, PRR 57 – Conduta Dn 1000 Praça do Comércio / Largo do Corpo Santo*, exemplar policopiado.
- OLIVEIRA, Frei N. de (1991) – *Livro das Grandezas de Lisboa*, Lisboa, Vega.
- REIS, A. E. (1988) – *O Dique da Ribeira das Naus*, Lisboa, Academia de Marinha.
- SANDÃO, A. (1985) – *Faiança portuguesa, Séculos XVIII-XIX, vol. I e II*, Lisboa, Livraria Civilização.
- SANTA ANNA, J. J. (1825) – *Memória sobre o estado actual do Dique de Lisboa*, Lisboa, Imprensa Régia.
- SANTANA, F. e SUCENA, E., dir. (1994) – *Dicionário da História de Lisboa*, Sacavém, Carlos Quintas & Associados.
- SILVA, A. V. de (1940) – *As muralhas da Ribeira de Lisboa*, Volume I, 2.ª edição, Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.
- SILVA, A. V. de (1968) – *Dispersos*, Volume I, Lisboa, Biblioteca de Estudos Olisiponenses.
- SILVA, A. V. de (1987) – *A Cerca Fernandina de Lisboa*, 2 Volumes, 2.ª edição, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- VIEGAS, I. M. ed. e TOJAL, A. A. M. ed. (2000) – *Catálogos do Arquivo Municipal de Lisboa: Atlas da Carta Topográfica de Lisboa, sob a direcção de Filipe Folque*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- VIEGAS, I. M. e TOJAL, A. A. M., ed. lit. (2005) – *Levantamento da Planta de Lisboa 1904 – 1911*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.